



RITUALS OF SEPARATION: Family members' narratives about burial in death by COVID-19

RITUAIS DE SEPARAÇÃO: Narrativa de familiares sobre o sepultamento na morte por COVID-19

DUARTE NETO, Neemias Costa⁽¹⁾; PACHECO, Marcos Antônio Barbosa⁽²⁾; TRINDADE, Déborah Adriane Pinheiro⁽³⁾; SILVA, Flor de Maria Araújo Mendonça⁽⁴⁾; LEITE, José Márcio Soares⁽⁵⁾; MELO, Marenilde Alves de Souza⁽⁶⁾; ARAGÃO, Francisca Bruna Arruda⁽⁷⁾; LOYOLA, Cristina Maria Douat⁽⁸⁾

- ⁽¹⁾ 0000-0003-2513-0947; Universidade Federal do Maranhão. São Luís, MA, Brasil. neemias.duarte@discente.ufma.br.
⁽²⁾ 0000-0002-3566-5462; Universidade Ceuma. São Luís, MA, Brasil. mmmarco@terra.com.br.
⁽³⁾ 0000-0002-5718-7617; Universidade Ceuma. São Luís, MA, Brasil. trindadepsicjur@gmail.com.
⁽⁴⁾ 0000-0002-2796-0939; Universidade Ceuma. São Luís, MA, Brasil. florigyhn@gmail.com.
⁽⁵⁾ 0000-0002-6887-5650; Universidade Ceuma. São Luís, MA, Brasil. jmsoaresleite@gmail.com.
⁽⁶⁾ 0000-0002-0708-0109; Universidade Ceuma. São Luís, MA, Brasil. marenilde_melo@hotmail.com.
⁽⁷⁾ 0000-0002-1191-0988; Universidade Ceuma. São Luís, MA, Brasil. aragao_bruna@hotmail.com.
⁽⁸⁾ 0000-0003-2824-6531; Universidade Ceuma. São Luís, MA, Brasil. crisloyola@hotmail.com.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

The funeral rituals are considered social and psychic organizers for the experience of farewell, and important for the elaboration of meaning for the loss and resolution of mourning, and thus, needed some reconfiguration during the pandemic. This study aims to analyze the narrative of family members about burial in death by COVID-19. This is a qualitative, descriptive and analytical research. Data collection occurred between October 2020 to July 2021 in the municipalities of Maranhão: Imperatriz, Lago da Pedra, Zé Doca and São Luís. For qualitative data analysis, we used the thematic content analysis proposed by Minayo and the Theory of Social Representations addressed by Serge Moscovici. The sample was composed of 13 interviewees. Through the empirical analysis of the data it can be seen that the monetary value of the coffin is important to the family, as an external or concrete record of the importance of the deceased. The presence of only family members is not enough to bury the deceased, with the need for other people; moreover, not touching the dead body produces feelings of pain and sorrow. The separation rituals have undergone transformations to adapt to this new scenario, but they are still experienced to express and process the mourning. The rapid clinical evolution of the disease does not accompany the psychic time of the family member to process the loss, generating intense suffering. It was possible to understand the new forms of mourning experienced in this pandemic, contributing to systematize the performance of mental health professionals for a better understanding of psychological suffering.

RESUMO

Os rituais funerários são considerados organizadores sociais e psíquicos para a vivência da despedida, e importantes para a elaboração do sentido para a perda e resolução do luto, e desse modo, necessitaram de alguma reconfiguração durante a pandemia. Este estudo tem por objetivo analisar a narrativa de familiares sobre o sepultamento na morte por COVID-19. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e analítica. A coleta de dados ocorreu entre outubro de 2020 a julho de 2021 nos municípios maranhenses: Imperatriz, Lago da Pedra, Zé Doca e São Luís. Para análise qualitativa dos dados, utilizou-se a análise temática de conteúdo proposto por Minayo e a Teoria das Representações Sociais abordado por Serge Moscovici. A amostra foi constituída por 13 entrevistados. Através da análise empírica dos dados percebe-se que o valor monetário do caixão é importante para a família, como registro externo, ou concreto, da importância do morto. A presença apenas de familiares é insuficiente para enterrar o morto, havendo necessidade de outras pessoas, ademais, não tocar no corpo morto produz sentimentos de dor e mágoa. Os rituais de separação sofreram transformações para se adaptar a esse novo cenário, não deixando de ser vivenciado para expressar e processar o luto. A rápida evolução clínica da doença não acompanha o tempo psíquico do familiar para processar a perda, gerando intenso sofrimento. Foi possível compreender as novas formas de vivência do luto experienciado nesta pandemia, contribuindo para sistematizar a atuação de profissionais em saúde mental para melhor compreensão do sofrimento psíquico.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:
 Submetido: 03/06/2023
 Aprovado: 06/02/2024
 Publicação: 15/03/2024



Keywords:

Mental Health Care.
 COVID-19. Mourning.
 Funeral Rites. Burial

Palavras-Chave:

Cuidados de saúde mental. COVID 19. Luto. Ritos funerários. Enterro

Introdução

O primeiro caso do novo coronavírus foi notificado em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província da China, dando início ao que se tornaria uma pandemia sem precedentes. Ainda nessa data, um grupo de pessoas associados a um mercado de frutos do mar e animais silvestres, comercializados vivos ou abatidos no local, conhecido como Huanan, começaram a desenvolver sintomas gripais, além de pneumonia de causa não identificada. Atualmente, evidências científicas excluem a ideia de que a Sars-CoV-2, vírus causador da doença COVID-19, tenha se originado em laboratório (Umakanthan et al., 2020).

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS) (World Health Organization, 2021a), o surto causado pelo novo Coronavírus é a maior emergência de saúde pública de importância internacional, com o mais alto nível de alerta, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (RSI). Em 11 de março de 2020 a OMS declarou a COVID-19 como uma pandemia (2021b). De acordo com os dados publicados pela World Health Organization no dia 11 de abril de 2021, foram confirmados 134 957 021 de casos e 2 918 752 óbitos. De acordo com o Ministério da Saúde (2021), o Brasil atingiu a marca de 13 445 006 casos confirmados e 351 334. Em relação ao Maranhão, os dados epidemiológicos apontam para 245 765 casos confirmados e 6 321 mortes.

Os pacientes acometidos pela COVID-19, comumente apresentam sintomas de fadiga, tosse, febre e dificuldades respiratórias, contudo, um número expressivo de casos requer internação em Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Por se tratar de um vírus de alta contaminação, existe uma crescente preocupação das autoridades de saúde pela capacidade de atendimento dos serviços hospitalares, que se encontram cada vez mais sobrecarregados (Wallace et al., 2020). Nesse cenário, governos e autoridades locais implementaram medidas protetivas para conter a rápida transmissibilidade da doença, a saber: fechamentos de Escolas e Universidades, Shopping Center, restrições de viagens, distanciamento social e isolamento de casos suspeitos (Walker et al., 2020).

Ainda assim, o Ministério da Saúde (2020) publicou um Guia para o Manejo de Corpos no Contexto do Novo Coronavírus. Esse protocolo orienta a respeito do manuseio dos cadáveres e os funerais. Conforme o Guia, o sepultamento de pessoas que faleceram em decorrência da Sars-CoV-2 deve acontecer de forma imediata, logo após a liberação do corpo. Os velórios e funerais de pessoas confirmadas ou suspeitas do coronavírus foram suspensos durante os períodos de quarentena. Caso seja realizado, recomenda-se para o sepultamento: manter a urna funerária fechada durante todo o funeral, não sendo permitido contato com o corpo do falecido, além de dispor a urna em local aberto ou ventilado. Evitar, especialmente, a presença de indivíduos que pertençam ao grupo de risco, a saber: idosos, gestantes, portadores de doenças crônicas e imunodeprimidos. Além disso, recomenda-se o enterro com o mínimo de pessoas possíveis, respeitando o distanciamento social, bem como outras medidas de etiqueta respiratória. Os corpos podem ser enterrados ou cremados.

Por conseguinte, o processo de vivência da terminalidade, morte e luto têm sido afetados. Em detrimento das medidas de contenção e distanciamento social, outras formas de despedida ao paciente em fase terminal vêm sendo consideradas. Médicos, enfermeiros e demais profissionais que trabalham na internação direta com os infectados, buscam oferecer apoio emocional ao paciente, mantendo contato com seus familiares através de *tablets* ou celulares, quando possível (Arango, 2020). Ademais, referente às estratégias remotas no processo de despedida, realiza-se os rituais individuais, como acender uma vela em uma janela, e rituais coletivos, envolvendo interação com a rede socioafetiva para expressar emoções e sentimentos por meio de telefonemas, cartas, mensagens de texto e áudio (Fiocruz, 2020).

A vivência do luto habitualmente constitui-se por um processo normativo de adaptação às perdas, que engloba as emoções, cognições, sensações físicas e mudanças comportamentais (Wallace et al., 2020; Worden, 2018). Quando essas perdas envolvem pessoas da rede familiar, algumas tarefas são essenciais para elaboração do luto, a saber: aceitação da realidade da perda, pois é comum um estranhamento e a sensação de que a morte não aconteceu; reconhecimento do sofrimento do que a perda acarretou, sem subterfúgios, tendo em vista que suprimir a dor tende a prolongá-la; adaptação ao novo contexto de vida, sem a presença da pessoa falecida, o que demanda assumir atividades laborais que ela desempenhava anteriormente no seio familiar; e, a organização de um espaço emocional para recordar da pessoa perdida de modo que se possa dar continuidade à vida (Worden, 2018).

Os rituais funerários são considerados organizadores sociais e psíquicos para a vivência da despedida, e importantes para a elaboração do sentido para a perda e resolução do luto, e desse modo, necessitaram de alguma reconfiguração durante a pandemia (Scanlon & McMahan, 2011; Taylor, 2022). Os rituais são realizados através de incentivos à comunicação intra familiar, a definição de questões não resolvidas, o compartilhamento de boas memórias sobre situações vividas juntos, agradecimentos e pedidos de perdão, desse modo, elabora-se uma qualidade de morte para os doentes e qualidade de vida para os familiares (Lisbôa & Crepaldi, 2003). A pandemia de COVID-19, impôs desafios restritivos a esses rituais de separação nos casos de terminalidade, dado que aglomerar pessoas aumenta as chances de contaminação.

Desse modo, o atual cenário dificulta práticas culturais e religiosas socialmente prescritas, que levam em consideração o manejo e a permanência, durante algum tempo, próxima ao corpo para despedida (Victor & Ahmed, 2019). O não cumprimento dessas práticas prescritas, poderá provocar o sentimento de negligência e de tratamento desumano ao final da vida do ente falecido (Taylor, 2022), tornando o indivíduo sobrevivente mais vulnerável a problemas de saúde mental após a crise (Victor & Ahmed, 2019; Wallace et al., 2020).

Diante do atual cenário pandêmico, o presente estudo tem sua relevância justificada pela complexidade do tema, bem como a necessidade de discutir esta temática, desmistificando

a restrição ao sofrimento real de perda familiar. Para tanto, objetivou-se analisar a narrativa de familiares sobre o sepultamento na morte por COVID-19.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e analítica. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturado para obtenção dos dados empíricos, sendo a primeira parte um questionário sociodemográfico, e a segunda parte composta por perguntas abertas. As entrevistas foram gravadas em *smartphone*, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e posteriormente transcritas.

A localização dos endereços dos entrevistados ocorreu através de busca no Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), do Sistema de Informação de Vigilância Epidemiológica da Gripe (SIVEP Gripe) do Ministério da Saúde, tendo por base os registros de dados da Secretaria de Estado da Saúde do Estado do Maranhão (SESMA). Em virtude de inconsistências de informações sobre moradia na planilha de dados, optou-se por utilizar a técnica do snow ball, que, segundo Bockorni e Gomes (2021) consiste em utilizar redes de referências e indicações para construir amostras não probabilísticas.

Como critério de inclusão, foi estabelecido serem indivíduos maiores de 18 anos, cujo familiar evoluiu ao óbito por COVID-19, com diagnóstico comprovado, com no mínimo cinco meses após a data do óbito. Assim, foram excluídos aqueles com incapacidade cognitiva, em situação de viagem fora do local de moradia, endereço não encontrado e que se recusaram a participar. A coleta de dados ocorreu entre outubro de 2020 a julho de 2021 nos seguintes municípios maranhenses: Imperatriz, Lago da Pedra, Zé Doca e São Luís.

Para análise qualitativa dos dados, utilizou-se a análise temática de conteúdo proposto por Minayo (2016) e a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2015). A presente pesquisa está filiada ao estudo intitulado "Perfil Clínico-Epidemiológico e Itinerário Assistencial de Óbitos por COVID-19 no Maranhão", aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Ceuma (UNICEUMA) sob parecer consubstanciado nº 4.305.629, de 28 de setembro de 2020. Além disso, contou também com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

Resultados

A amostra foi constituída por 13 entrevistados, seguindo o princípio da saturação temática, quando as narrativas apresentam um grau de repetição que não justifica ampliar o número de entrevistas. Assim, a mesma foi composta por 12 mulheres e 01 homem, com idades entre 28 e 71 anos, predominância de ensino médio completo e religião católica. Quanto à profissão, a maioria relatou ser autônomo.

Tabela 1.

Dados sociodemográficos dos entrevistados seguido pelo grau de parentesco do falecido.

Ent.	Sexo	Idade	Profissão	Escolaridade	Estado Civil	Rel.	Mun.	Parentesco do falecido
01	F	37	Lavradora	Ens. Méd. Completo	Solteira	C	LP	Pai
02	F	71	Assistente social	Ens. Sup. Completo	Viúva	C	LP	Marido
03	F	28	Autônoma	Ens. Sup. Incompleto	Casada	C	SLZ	Avó
04	F	45	Vendedora	Ens. Méd. Completo	Solteira	C	SLZ	Pai
05	F	44	Autônoma	Ens. Sup. Completo	Solteira	C	SLZ	Mãe
06	F	53	Autônoma	Ens. Méd. Completo	Casada	C	LP	Pai
07	F	43	Comerciante	Ens. Méd. Completo	Viúva	C	LP	Marido
08	F	46	Advogada	Ens. Sup. Completo	Viúva	E	ITZ	Filho
09	F	37	Autônoma	Ens. Fund. Completo	Casada	C	ITZ	Pai
10	M	42	Cabeleleiro	Ens. Méd. Completo	Casado	E	ZD	Mãe
11	F	49	Agricultora	Ens. Méd. Completo	Divorciada	C	ITZ	Irmão
12	F	40	Enfermeira	Ens. Sup. Completo	Divorciada	E	ITZ	Pai
13	F	44	Comerciante	Ens. Méd. incompleto	Viúva	C	LP	Marido

Legenda: Entrevistado (Ent.). Sexo – F: feminino; M: Masculino. Religião (Rel.) – C: católico; E: evangélico. Município (Mun.) – LP: Lago da Pedra; SLZ: São Luís; ITZ: Imperatriz; ZD: Zé Doca.

Fonte: Autores, 2022.

Discussão

Valor monetário do caixão

Na atual sociedade capitalista, mesmo diante da morte, há um segmento que é assolado por ela, enquanto que outro se beneficia. Trata-se do setor de comércio funerário que se beneficia do “império do efêmero”, conforme descrito por Lipovetsky (2009), em que cria-se necessidades ao enlutado, de forma a construir a ideia de melhor e maior valor econômico para enterrar seus mortos.

Na análise dos dados, evidenciou-se que o valor monetário do caixão é muito importante para a família, como registro externo, ou concreto, da importância do morto. E em alguns casos há uma espécie de crediário a ser pago em vida, para garantir a dignidade e o valor material do caixão, que comunicará socialmente a importância do morto e trará o sentimento de conforto à família:

“O caixão era dos melhores” (Ent. 3)

“E o caixão que ela (falecida) pagava, que ela tinha direito era em torno de quinze mil reais...” (Ent. 3)

Na análise das narrativas percebe-se a preocupação do familiar na escolha de tudo que compõe o velório e/ou enterro, de modo que tais atitudes são regidas pela ideia de aumentar o prestígio social do morto. Expressa também o valor emocional que o familiar deposita naquele morto homenageado.

“Tudo, eu fiz questão de tudo. Inclusive até o caixão, que ele foi colocado, eu fiz questão de tudo, de tudo, de tudo, de tudo...” (Ent. 17)

O apoio da comunidade religiosa foi registrado através de forma simbólica, com a presença física durante o sepultamento, como forma de se dispor às quaisquer necessidades do enlutado, e também economicamente, ao custear o caixão.

“Mas no momento que eu mais precisei, eles (comunidade religiosa) nunca me abandonaram, tipo assim, uma comunidade mesmo que ele pagava, nem o caixão dele eles não deixaram eu pagar, até falei assim “deixa eu pagar o caixão do meu marido, porque eu posso(...)” (Ent. 18)

A morte é carregada de representações sociais, e faz parte do desenvolvimento humano, como enterrar seus mortos - compreender que os corpos são enterrados por simbologia, e a percepção de que o morto não é o cadáver de qualquer pessoa. A morte moderna exige alta individualização (Correia et al., 2020). De acordo com Ariès (2017) para as civilizações ocidentais pré-cristãs, os familiares honravam a sepultura do morto com o intuito de impedir que os falecidos voltassem ao mundo dos vivos.

Para Moscovici (2015) o homem é um elemento próprio, que pensa, mas o que pensa são ideias compartilhadas, da sua história de vida, conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida que são sustentados por experiência do conhecimento cotidiano, formulando um conjunto de crenças comuns que são partilhadas por diversos grupos e estas são as representações sociais coletivas.

Aglomerção

Nas sociedades primitivas, a morte acontecia no espaço público, favorecendo um compartilhamento e diluição social do sofrimento, favorecendo os sistemas de defesa contra angústia da separação.

O entendimento sobre aglomeração proscrito nesta pandemia, apresenta singularidades de compreensão. Os entrevistados não consideram aglomeração reunir, um total de 30 pessoas, e aglomerar vai se referir mais à contagem de pessoas não-familiares. Portanto, a matemática que organiza familiares é diferente da matemática que organiza não-familiares:

“Acho que não chegou nem trinta, né? (...) era só casa, só família mesmo” (Ent. 3)

“Não tinha 20 pessoas.” (Ent. 8)

“A família, nossa família é grande, lá nós tinha umas 30 pessoas. (Ent. 15)

“Na faixa de umas trinta pessoas. Era mais era com a família mesmo.” (Ent. 16)

Conforme as narrativas, mesmo diante da interrupção legal dos ritos fúnebres, foi possível a realização do velório seguido por passeata com quantidade numerosa de

peessoas. Desta forma, seguir o morto até ao local da sepultura traduz-se como forma de prestar uma homenagem, e a grande quantidade de pessoas revela o prestígio social do morto.

“Entraram, todo mundo puderam entrar... ficaram tudo arrudiado... por que não podia velar em casa então, por que não podia velar se tava todo mundo junto lá? Muita moto, muitos amigos, muitos e muitos (...) Lá tinha umas cem pessoas ao redor, muita gente, foi feito até vídeo. Ele sendo velado, as pessoas tudo ao redor daquele buraco.” (Ent. 10)

Conforme Silva e colaboradores (Leroy et al., 2021), os rituais de passagem constituem-se como processos que envolvem o compartilhamento de energia emocional. Há familiares e amigos, que convocam suas redes de apoio emocional para estarem presentes no velório e prestar suas últimas homenagens, no encontro entre enlutados. Para Moscovici (2015) o destaque sociológico se dá na medida em que essas conexões e interações sociais chegam a manter, ou transformar, determinadas condutas, sendo estas particulares ou públicas.

Decidir sobre a forma do cerimonial que envolve o sepultamento produz um sentimento de conforto entre familiares, onde a estética da situação é considerada:

“Se tivesse feito tinha sido melhor. Que a gente fazia do jeito que a gente pudesse pra fazer o enterro dele” (Ent.1)

“Lá na funerária fizeram bem feito, as coisas deles lá né. Ajeitaram bem ajeitadinho, vestiram bem vestido, botaram aquelas florzinhas, foi tudo bonito.” (Ent. 14)

Além disso, há regras sociais e religiosas que devem ser seguidas para a realização do funeral, conforme evidenciado naqueles entrevistados cuja religião é a cristã:

“O nosso rito é o cristão né, de chegar o caixão, fazer o louvor, a leitura da palavra, alguém fala alguma coisa né, em despedida, no cemitério do mesmo jeito, normal.” (Ent. 12)

Na realização de ritos dessa natureza, como descrito anteriormente, revela-se, segundo Ariès (2017) a forma de prestação de contas com Deus. Perdeu-se a atitude de aceitar a morte como “morte domada”. Nesse sentido, para lidar com o medo e as incertezas para o destino da alma do falecido, o ser humano busca cercar-se de ritos como orações e cultos do tipo missa.

Velar o corpo

O cuidado com o corpo morto constitui-se como fundamental para o processo de separação. Há forte preocupação em vestir o morto, e que todas as exigências dos familiares sejam cumpridas pela funerária.

“Esse tratamento que meu irmão teve, ele foi fora da realidade dos outros, entendeu?(...) Eu exigi da funerária que vestisse uma roupa nele, entendeu? Que fizesse o procedimento que fosse legal pra proteger. Não, eles dissero “faz isso, isso e isso, veste a roupa, entendeu? Pois faça isso” Entendeu? Porque nós vamos velar.” (Ent. 16)

Segundo Rodrigues ((2017), sepultar o corpo morto corresponde a uma obrigação moral e à necessidade de exprimir um ato que possa dar sentido ao acontecimento. Os ritos cumprem com o objetivo de preparar o cadáver para sua viagem ao outro mundo, não se limitando a pôr fim à existência do corpo morto, pois a consciência coletiva atribuía a este fato uma dignidade maior ou menor. Os mortos eram e são enterrados porque se reconhece neles um valor simbólico.

Para Simpson et al., (2021), a morte é ao mesmo tempo um fim biológico da vida do corpo morto e um processo social de atividades e emoções que rompe os laços que ligam os mortos aos vivos. Em todas as culturas, uma “boa morte” significa permitir que as pessoas morram com dignidade, garantindo que seus corpos passem por procedimentos ritualísticos adequados a cada cultura, e respeitem os desejos do morto em relação ao processo do enterro ou cremação, e que aconteça entre entes queridos ou outras pessoas que ofereçam suporte aos vivos.

Na perspectiva dos entrevistados, a presença apenas de familiares é insuficiente para enterrar o morto, não o qualifica adequadamente, havendo necessidade de outras pessoas sem consanguinidade:

“Se tivesse feito tinha sido melhor. Que a gente fazia do jeito que a gente pudesse pra fazer o enterro dele. Eu tenho certeza que muita gente vinha visitar ele. Vinha no velório dele, entendeu?”
(Ent.1)

“Ele era muito conhecido, pra tu ver, ele morreu de covid e no dia do enterro dele deu gente demais, ele era amigo de todo mundo.” (Ent. 18)

“Demais, demais, demais, ó só pra tu ver na porta do hospital ficou foi cheia de gente.” (Ent. 18)

Os ritos fúnebres contribuem para a organização mental e simbólica da vida, sendo vistos como espaços potentes para a concretização da perda, pois, auxiliam também no momento da despedida, sendo de fundamental importância ser elaborado por todos aqueles que em conjunto estabeleceram algum tipo de laço afetivo com o falecido (Hortegas & Santos, 2020). O processo de não se despedir do ente querido da forma que lhes permita acessar o senso de realidade e concretude da morte, pode levar os familiares a um sofrimento intenso. A necessidade de cuidados com os enlutados pós-óbito, com vistas a evitar a aglomeração e o contágio pelo vírus, aparece como mais um fator de “desumanização”, que descaracteriza o ritual de separação, por não cumprir com os ritos de morte (Cardoso et al., 2020).

Na fala dos entrevistados, não tocar no corpo morto produz sentimentos de dor e mágoa. Tocar no corpo morto geraria algum tipo de conforto:

“Sem a gente poder tocar nele, sem poder abraçar ele, dar uma despedida que ele merecia.” (Ent. 8)

Aí eu queria(...) Eu queria abraçar, beijar, queria dizer que eu tinha dado tudo de mim pra ele no dia que ele precisou, e queria ter dado mais.” (Ent. 8)

“Mas pra mim, sair na porta, só poder tocar naquele carro funerário, sem poder tocar nele, sem poder ver não sei te dizer exatamente se foi bom ou foi ruim, mas que doeu, que machucou, que magoa até hoje... muito ruim. nunca vou esquecer.” (Ent. 10)

“Meio difícil, porque é uma coisa que a pessoa morre e a pessoa não pode mais nem tocar na pessoa.” (Ent. 14)

“Nem tocar na pessoa é horrível. (Ent. 14)

O corpo, ainda que esteja sem vida, representa o indivíduo, que na memória permanece vivo. A decomposição da carne representa a frágil condição humana. O horror ocasionado pela decomposição da carne e a preocupação com os restos mortais revelam a identificação do homem com a matéria. Essa relação aparece nas celebrações de missas de corpo presente, com a presença do cadáver na igreja ou em casa. Dessa forma, indica um sentimento de presença do indivíduo através de seu corpo que outrora já fora vivo (Schmitt, 2010).

Na concepção dos vivos uma morte ruim em oposição a uma morte boa, é aquela em que o processo que foi imaginado não foi seguido ou obedecido, e em que o falecido não recebe a dignidade devida. O manuseio do cadáver costuma ser mais angustiante nos casos em que se considera que não houve um ritual. Como tal, a morte é um evento crítico para os entes queridos, onde os vivos são incapazes de retornar às suas vidas e a ordem social não pode ser restaurada, até que a morte adequada por meios de atos ritualísticos seja estabelecida. Em todas as culturas, uma boa morte pode compreender uma morte com dignidade e uma obrigação moral dos vivos em cuidar adequadamente do corpo morto (Simpson et al., 2021).

Segundo Leroy e colaboradores (2021) os rituais em torno da morte refletem os valores e as crenças compartilhadas por cada grupo. Ao tocar no corpo morto, beijar, abraçar, ajeitar o cabelo, conversar com ele, orar, chorar, debruçar para confidências, pedidos de perdão e declarações de amor, estas demonstrações de afeto e, expressões de outros sentimentos, atestam aos vivos a ideia de uma boa passagem para os mortos.

Conclusões

Os rituais de separação sofreram transformações para se adaptar a esse novo cenário, não deixando de serem vivenciados para expressar e processar o luto. A rápida evolução clínica da doença não acompanhou o tempo psíquico do familiar para processar a perda, gerando intenso sofrimento.

O velório tem sua potência social aumentada para registrar o prestígio ao morto através do número de presentes não consanguíneos ao sepultamento. Expressa também a

honraria merecida pelo morto, e neste momento, é o morto que ainda organiza a cerimônia. O velório deve ser cumprido como medida de respeito ao morto. Também significa uma forma de agradecimento, de reconhecimento da dignidade de quem morreu.

Dos órgãos do sentido, o olhar é o que tem potência para vivenciar e concretizar a despedida. Não tocar, não ver o corpo morto produz sentimentos contraditórios de dúvidas e certezas sobre a perda. O velório na casa pode sugerir também um desejo de que o morto retorne para casa. O velório registra uma forte noção de merecimento e de reconhecimento.

Através deste estudo foi possível compreender as novas formas de vivência do luto experienciado nesta pandemia, contribuindo para sistematizar a atuação de profissionais em saúde mental para melhor compreensão do sofrimento psíquico. Assim, pretende-se avançar em políticas públicas assistenciais que promovam melhores cuidados à saúde mental para aqueles que vivenciaram o luto na COVID-19.

REFERÊNCIAS

- Arango, C. (2020). Lessons Learned From the Coronavirus Health Crisis in Madrid, Spain: How COVID-19 Has Changed Our Lives in the Last 2 Weeks. *Biological Psychiatry*, 88(7), e33–e34. <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2020.04.003>
- Ariès, P. (2017). *História da morte no Ocidente: da idade média aos*. Nova Fronteira. https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Hist%C3%B3ria+da+morte+no+Ocidente%3A+da+idade+m%C3%A9dia+aos+nossos+tempos&btnG=
- BRASIL. Ministério da Saúde. (2020). *Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus SarS-CoV-2*. <http://www.bvsmms.saude.gov.br>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. (2021, May 11). *Coronavírus Brasil*. <https://covid.saude.gov.br/>
- Cardoso, É. A. de O., da Silva, B. C. de A., Dos Santos, J. H., Lotério, L. D. S., Accoroni, A. G., & Dos Santos, M. A. (2020). The effect of suppressing funeral rituals during the COVID-19 pandemic on bereaved families. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 28, 1–9. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>
- Correia, D. S., Taveira, M. das G. M. M., Marques, A. M. V. F. A., Chagas, R. R. S., Castro, C. F., & Cavalcanti, S. L. (2020). Percepção e Vivência da Morte de Estudante de Medicina durante a Graduação. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44(1), e013. <https://doi.org/10.1590/1981-5271V44.1-20190200>
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). (2020). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19*. <https://biblioteca.cl.df.gov.br/dspace/bitstream/123456789/516/1/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%3%a30-Psicossocial-na-Pandemia-COVID-19-processo-de-luto-no-contexto-da-COVID-19.pdf>

- Hortegas, M. G., & Santos, C. C. dos. (2020). COVID-19 E O LUTO: SEM PODER DIZER O ÚLTIMO ADEUS. *Revista Transformar*, 14(2), 119–127.
<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/382>
- Leroy, H., Freitas, A., Santos, C., De Paula, M., & Mamani, S. (2021). Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de COVID-19 no Brasil. *Revista NUPEM*, 13(30), 214–234.
<https://doi.org/10.33871/NUPEM.2021.13.30.214-234>
- Lipovetsky, G. (2009). *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas - Gilles Lipovetsky - Google Livros* (A. Moretto & R. P. Rodrigues, Eds.; SCHWARCZ LTDA). https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=SB2_CwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=O+imp%C3%A9rio+do+ef%C3%AAmero:+a+moda+e+seu+destino+nas+sociedades+modernas.+&ots=hwzT2YrkfM&sig=cZj7IFUZVT1cBq2bqwfVdDCKEUA#v=onepage&q=O%20imp%C3%A9rio%20do%20ef%C3%AAmero%3A%20a%20moda%20e%20seu%20destino%20nas%20sociedades%20modernas.&f=false
- Lisbôa, M. L., & Crepaldi, M. A. (2003). Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 13(25), 97–109.
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2003000200009>
- Moscovici, S. (2015). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Vozes.
<http://www.vozes.com.br>
- Rodrigues, J. C. (2017). *Tabu da morte - José Carlos Rodrigues* (2nd ed.). FioCruz.
<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=uRfoAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA11&dq=Tabu+da+morte&ots=t7gbPegNlR&sig=86jZoWHKO4lAKMOT-dbm9zGwzjg#v=onepage&q=Tabu%20da%20morte&f=false>
- Scanlon, J., & McMahon, T. (2011). Dealing with mass death in disasters and pandemics: Some key differences but many similarities. *Disaster Prevention and Management: An International Journal*, 20(2), 172–185.
<https://doi.org/10.1108/09653561111126102/FULL/XML>
- Schmitt, J. (2010). *Mortes vitorianas: corpos, luto e vestuário*. (1st ed.). Alameda Editorial.
https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Mortes+vitorianas%3A+corpos%2C+luto+e+vestu%C3%A1rio.&btnG=
- Simpson, N., Angland, M., Bhogal, J. K., Bowers, R. E., Cannell, F., Gardner, K., Gheewala Lohiya, A., James, D., Jivraj, N., Koch, I., Laws, M., Lipton, J., Long, N. J., Vieira, J., Watt, C., Whittle, C., Zidaru-Brbulescu, T., & Bear, L. (2021). ‘Good’ and ‘Bad’ deaths during the COVID-19 pandemic: insights from a rapid qualitative study. *BMJ Global Health*, 6(6), e005509. <https://doi.org/10.1136/BMJGH-2021-005509>

- Taylor, S. (2022). *The psychology of pandemics : preparing for the next global outbreak of infectious disease*. 158.
- Umakanthan, S., Sahu, P., Ranade, A. V., Bukelo, M. M., Rao, J. S., Abrahao-Machado, L. F., Dahal, S., Kumar, H., & Kv, D. (2020). Origin, transmission, diagnosis and management of coronavirus disease 2019 (COVID-19). *Postgraduate Medical Journal*, 96(1142), 753–758. <https://doi.org/10.1136/POSTGRADMEDJ-2020-138234>
- Victor, G. S., & Ahmed, S. (2019). The Importance of Culture in Managing Mental Health Response to Pandemics. *Psychiatry of Pandemics: A Mental Health Response to Infection Outbreak*, 55–64. https://doi.org/10.1007/978-3-030-15346-5_5/COVER
- Walker, P. G. T., Whittaker, C., Watson, O. J., Baguelin, M., Winskill, P., Hamlet, A., Djafaara, B. A., Cucunubá, Z., Mesa, D. O., Green, W., Thompson, H., Nayagam, S., Ainslie, K. E. C., Bhatia, S., Bhatt, S., Boonyasiri, A., Boyd, O., Brazeau, N. F., Cattarino, L., ... Ghani, A. C. (2020). The impact of COVID-19 and strategies for mitigation and suppression in low- And middle-income countries. *Science*, 369(6502), 413–422. https://doi.org/10.1126/SCIENCE.ABC0035/SUPPL_FILE/ABC0035_WALKER_SM.PDF
- Wallace, C. L., Wladkowski, S. P., Gibson, A., & White, P. (2020). Grief During the COVID-19 Pandemic: Considerations for Palliative Care Providers. *Journal of Pain and Symptom Management*, 60(1), e70–e76. <https://doi.org/10.1016/J.JPAINSYMMAN.2020.04.012>
- Worden, W. J. (2018). Grief counseling and grief therapy: A handbook for the mental health practitioner. In *Death Studies* (Vol. 23, Issue 8). Springer Publishing Company. <https://doi.org/10.1080/074811899200731>
- World Health Organization. (2021a). *Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard* . <https://covid19.who.int/>
- World Health Organization. (2021b). *Folha informativa sobre COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde*. <https://www.paho.org/pt/covid19>